

---

## **CARTOGRAFIAS DA FURNE – UMA CULTURA ESCOLAR CONSTRUÍDA PARA A INFÂNCIA**

Msc. Daniela Medeiros da Silva  
FIP – IFPB- Campus Patos  
dnimedeiros@hotmail.com

O presente artigo tem por objetivo fazer uma discussão das tramas que envolvem a Institucionalização da FURNE, como também os discursos que articulam a elaboração do Projeto de Pré- Escola no ano de 1979 no Curso de Pedagogia da mesma.

Interessa-me compreender como esses discursos foram produzidos para a disciplinarização do saber pedagógico e como as práticas institucionais foram tecidas pela própria Universidade utilizando-se desse dado período histórico a institucionalização do Curso de Pedagogia e conseqüentemente a habilitação da Pré-Escola em 1979, criando um espaço-lugar de produção do saber/fazer pedagógico para a educação das crianças, como também legitimando a profissionalização do educador pré-escolar.

Nesse sentido a pesquisa não tratará de apontar como a infância se constitui na modernidade através de um “conceito” ou de uma “descoberta” como uma preocupação social, mas sim como a infância foi sendo elaborado(s) e manifestado(s) a partir das instituições educacionais como dispositivos que colocam em um dado momento a Pré-Escola (1979), identificando as suas continuidades e descontinuidades através dos jogos discursivos e de suas práticas numa rede de conexões que organiza o corpo infantil a torná-lo como objeto de poder e saber.

Seguindo a perspectiva foucaultiana, não seria significativo analisar os discursos como uma estrutura, ou seja, as tramas que discorrem sobre a infância, por ora são de ordem relevante, por ora de total insignificância a respeito dela. Ao invés disso, o interessante é problematizar esse lugar chamado FURNE, como em determinado dado o Curso de Pedagogia é legitimado a proliferar uma enorme maquinaria de regulação dessa infância que chamam de Pré-Escola.

*[...] ela [FURNE] surgiu com a destinação de lutar pela redenção desta vasta área brasileira, vítima histórica da marginalização, cenário sombrio da pobreza e da miséria, com sua fisionomia de indigência que alcança a maioria da população.*

A FURNE surge segundo Itan Pereira com a missão de “redimir” os problemas sociais do Nordeste, sendo uma instituição voltada para a profissionalização de pessoas capacitadas para o mercado de trabalho.

Compreender os mecanismos e as tramas históricas que possibilitaram a produção dos discursos que fabricam a FURNE enquanto instituição de ensino superior é dar visibilidade a alguns acontecimentos políticos, culturais, econômicos e educacionais, sobre a população e a infância, especificamente, como também na formação docente dos professores de educação pré-escolar.

A criação da FURNE aconteceu, segundo Silva (1996) por meio de um “sonho” idealizado por Edvaldo de Souza do Ó, dentre o qual alinhou-se a necessidade de Campina Grande ter escolas de nível superior, para assim a cidade dar continuidade ao projeto de desenvolvimento industrial e comercial, dessa forma o desenvolvimento intelectual estaria equiparado.

No ano de 1966, Campina Grande contava com poucas unidades de ensino Superior, o que configurava um grande descompasso entre o crescimento da indústria e do comércio, gerando grande interesse por da sociedade campinense para que também houvesse o desenvolvimento do setor educacional. Mais o interesse desse grupo consistia em evitar que Campina Grande herdasse com o atraso educacional como outras cidades pólo, ou seja, o setor cultural local atrasou e conseqüentemente o avanço comercial e industrial não se desenvolveu em todas suas potencialidades.

Juntamente com Edvaldo de Souza do Ó faziam parte desse sonho o então prefeito de Campina Grande Williams de Souza Arruda, o Professor José Lopes de Andrade, o vereador Anézio Leão, Lynaldo Cavalcanti, Stênio Lopes, Vital do Rêgo, Itan Pereira da Silva, Sebastião Guimarães Vieira, José Gaudêncio de Brito, o Cônego Emídio Corrêa Viana e José Luiz Junior compõem o grupo que idealizaram e fundaram a FURNE eram professores, profissionais liberais, políticos, jornalistas, todos tinham a mesma vontade de ver Campina Grande com uma instituição de ensino superior com *a insubstituível tarefa de criação e transmissão do conhecimento, da elaboração e defesa da cultura e da formação de mão de obra qualificada, com uma visão crítica da história, tendo em vista as transformações e mudanças que geram o progresso.*

A criação de uma Universidade Regional teria como responsabilidade tirar o “povo da miséria” e do “mundo sombrio” que eles viviam antes da chegada de uma instituição de ensino superior, com esse surgimento os moradores de Campina Grande e região teria uma possível “redenção” em formação intelectual.

A FURNE emerge em um cenário brasileiro marcado por profundas transformações políticas, sociais e econômicas, dentre as quais foi a partir do Governo de Kubitschek que as políticas de massas e a aceleração da expansão industrial abriram as portas da economia nacional ao capital estrangeiro. Foi no início da década de 60 que começou a se configurar esse cenário, onde a educação brasileira se tornará grande alvo das políticas públicas para a educação gerenciadas pelos militares, principalmente quando o Governo Militar assumi o papel acumulador de capital para então promover a expansão econômica, nessa fase será caracterizada por uma expansão do ensino, que segundo Romanelli (1999), “teve de ser contida dentro de certos limites, a fim de não comprometer a política econômica”.

Nesse compasso podemos dizer que o contexto brasileiro vivia um momento político e econômico bem distinto em relação à educação de nível superior, as políticas públicas não estavam muito a favor de abertura de novas universidades, e a partir do ano de 1968, a demanda de quadros superiores, pelo sistema econômico estava a exigir uma reestruturação da Universidade que ainda não fora realizada, esse movimento foi o convênio que o MEC e seus órgãos fizeram com a Agency for International Development (AID) – era uma agência americana que disponibilizava assistência técnica e de cooperação financeira a qual veio organizar o sistema educacional brasileiro. Esse período ficou conhecido por “Acordos MEC-USAID”, dentre a qual sua influência fora adequar o ensino brasileiro ao modelo de desenvolvimento econômico que tanto intensifica o Brasil. Portanto, a FURNE nasce em meio de uma reformulação da Universidade Brasileira por interferência dos “Acordos MEC-USAID”.

Nesse sentido a FURNE é tecida no meio dessa implosão de discussões sobre o destino da universidade brasileira. Pois se tinha a preocupação de não haver demanda suficiente no mercado de trabalho suficiente para absorver todo o contingente de profissionais que saísse das universidades, evitando assim a expansão de desempregados com qualificação no país.

Enquanto as principais regiões do país, a exemplo do sul, sudeste e centro-oeste estavam sofrendo com a falta de políticas públicas voltada para a educação superior como também a sua expansão fora contida dentro dos limites e que não comprometesse os interesses dos militares, a fim de não prejudicar a política econômica adotada pelo Governo Militar.

A emergência da FURNE torna-se um fruto legítimo do desenvolvimento regional nordestino, que fora impulsionado por investimentos do governo federal através da SUDENE que tinha para o Nordeste brasileiro projetos para acelerar o crescimento do Brasil e tirar essa região do país do recôndito social que tanto envergonhava a nação. Na medida em que se tinha a preocupação de tirar a população dessa região da “marginalidade” e assim essa instituição acabaria sendo o contraponto daquele “cenário sombrio” anunciado como propósito da concretização da FURNE.

A Fundação Universidade Regional do Nordeste nasce com a tarefa/missão de cumprir dentro da sociedade, *a insubstituível tarefa de criação e transmissão do conhecimento, da elaboração e defesa da cultura e da formação de mão de obra qualificada, com uma visão crítica da história, tendo em vista as transformações e mudanças que geram o progresso.*

Dentro dessa tarefa missão estava incluso o movimento de redenção dessa sociedade “vítima” da falta de *transmissão do conhecimento* e de *formação de mão de obra qualificada* como também uma política de geração de mudanças e progresso caracterizada por um Brasil com sérias preocupações no setor educacional, principalmente por ser considerado um país subdesenvolvido e influenciado por propostas elaboradas por agências intergovernamentais ligadas à ONU, e em especial o UNICEF, a partir desses órgãos as políticas públicas voltadas para a educação foram sendo bombardeadas com assessorias, recomendações, propostas de organismos internacionais e intergovernamentais.

Nessa busca de solucionar os problemas da população marginalizada intelectualmente temos a emergência da instituição que procurará solucionar os problemas, com a implantação de cursos que não havia na cidade, como é o caso dos cursos em licenciaturas plena em Pedagogia, Letras, História, Geografia, dentre os quais faziam parte do Centro de Educação, cursos que teriam a competência de formar profissionais especializados para impulsionar a educação da população.

Com a criação da universidade, logo houve a necessidade de se ter uma estrutura orgânica e administrativa organizada, iniciando a criação de seu Conselho Universitário e

elaboração do Estatuto. Assim a FURNE – Fundação Universidade Regional do Nordeste emerge no cenário campinense de Ensino Superior a partir da desinstalação da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica – FUNDACT em 11 de abril de 1966, nesta ocasião extinguiu-se a FUNDACT, cujo patrimônio se integrou a recém-criada Fundação.

A universidade emerge com a proposta de atender a região Nordeste, buscando se espelhar em instituições como a Universidade de Brasília – UNB para sua administração, mas de acordo com seu Estatuto:

*A Universidade Regional do Nordeste objetiva desenvolver, de maneira convincente para a Região, as atividades culturais, didáticas, científicas e estatísticas, de nível superior, destacando os ramos de maior essencialidade ao progresso econômico e social do Nordeste.*

Esse registro responde a forma como a FURNE se portava diante do cenário local e até mesmo nacional, além de ter um compromisso histórico e principalmente de desenvolvimento, se tornando principal assunto de pauta na época de sua institucionalização. Outro aspecto relevante que devemos destacar é quanto à idéia que seus fundadores pregavam para defender os ideais da universidade, que são bem característicos de um discurso que dizia:

*[...] somos daqueles para quem a Universidade precisa de apoio de nossas lideranças políticas, [...] ela é de todos e a sua ação política converge na direção da transformação da sociedade e na luta pelo bem-estar social da população e pela implantação da justiça social e dos direitos da cidadania, sem atrelamento a partido A ou B. Por isto, a sua articulação com os segmentos políticos da comunidade se faz mediante um esforço desinteressado, em benefício de todos.*

Com esse discurso a idéia de “cenário sombrio” que fora construído para a região nordeste é posta de lado e apresentado a posição de um grupo que queria uma universidade voltada para o bem-estar da sociedade.

A partir da década de 70, a FURNE se expande, desdobrando-se nas áreas do conhecimento da saúde, da tecnologia e das humanidades. Nessa expansão busca-se também o reconhecimento no Ministério da Educação e da Cultura, dentre as quais a FURNE atravessou uma série de processos dentre os quais estava a sua incorporação com as duas escolas federais existentes em Campina Grande – a Escola Politécnica e a Faculdade de Ciências Econômicas,

---

ambas integrantes da Universidade Federal da Paraíba. Seria um projeto que solucionaria os problemas de reconhecimento da FURNE por parte do MEC, mas por questões políticas internas dos docentes dirigentes das unidades federais não ocorreu a união das duas instituições.

A Fundação lidou com grandes desafios de ordem burocrática para se firmar como Fundação de Ensino Superior e receber o reconhecimento do Ministério da Educação e da Cultura. Para que isso acontecesse à instituição legou um longo processo político dentro da Câmara de Ensino Superior, com uma enorme frustração, pois na primeira tentativa de institucionalizar não acontecera nessa oportunidade avaliada pelo MEC, com esse impasse outro caminho ficou aberto para a Fundação que seria a federalização da instituição, opção que também não deu certo. E assim uma das formas de solucionar os problemas da Universidade Regional do Nordeste, segundo Stênio Lopes:

*[...] as soluções acabaram por vir de dentro da própria Universidade, da resistência dos seus professores, da dedicação dos seus funcionários e da confiança dos seus alunos. O primeiro passo importante foi a iniciativa de preparar a documentação necessária a solicitar a autorização de funcionamento da Universidade ao Conselho Estadual de Educação. Isto só ocorreu no ano de 1973..*

Com esse processo a FURNE se torna instituição autorizada para desempenhar o ensino de nível Superior em Campina Grande, deixando de lado todo aquele aparato discursivo da qual não poderia funcionar como Fundação Universidade Regional do Nordeste, sendo reconhecida pelo Conselho Estadual. Dentro dos processos legais e institucionais a FURNE passa a funcionar, nesse período seus dirigentes vão procurar solucionar a legitimidade da instituição juntamente ao MEC para que haja a regularização de todos os cursos, e assim no dia 11 de julho de 1973 o Presidente da República Emílio Garrastuzu Médici e seu Ministro da Educação Jarbas Passarinho assinam o decreto Federal nº 72.458 que autoriza o pleno funcionamento da Universidade Regional do Nordeste, agora de fato e concreto nos meios institucionais do país, podendo então expedir diplomas de graduação.

Nesse movimento a institucionalização da FURNE e do Projeto de Pré-Escola ocorreu, de forma que podemos destacar com relevante sucesso para aqueles que participaram ativamente do todo processo, pois estavam vivendo um período de oportunidades que até antes não havia acontecido, as chances de ser pioneiros em um processo educativo da qual

fizeram parte de toda uma contextualização brasileira, fora um processo pensado e politicamente instituído por um plano nacional. Isso não quer dizer que não existira problemas, foi um processo político pedagógico bastante trabalhado entre aqueles envolvidos e que culminou na implantação e no sucesso até hoje na instituição.

Foram essas tramas que teceram boa parte dessa grande trajetória que fora a história da educação infantil em Campina Grande, implicando em discursos que enreda as tramas da institucionalização da FURNE e conseqüentemente a elaboração e implantação do Projeto de Pré-Escola de 1979 no curso de Pedagogia.

### **Bibliografia**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. 8ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2007.

GONDRA, José (org.). *História, Infância e Escolarização*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

GHIRALDELLI JR, Paulo. *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006.

HEYWOOD, Colin. *Uma História da Infância: da Idade Média à época Contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Ó, Edvaldo de Souza do. *História da Universidade Regional do Nordeste*. Vol. I, Ed. GRAFSET, C. Grande, 1986.

SILVA, Itan Pereira da. *UEPB: Uma Universidade Emergente. Retalhos de uma História de 30 anos*. Campina Grande-PB, Gráfica da SEC-PB: 1996.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930-1970)* 22ª Ed. Petrópolis: RJ: 1999.